

PANDEMIA E COLAPSO NO SISTEMA DE SAÚDE DO BRASIL

A 32ª edição do **Boletim Conexão Saúde - De Olho no Corona!** destaca os efeitos da sobrecarga no sistema de saúde no Brasil, que entrou em colapso no último mês. O aumento de novos casos, a lentidão da vacinação e a fragilidade das medidas de isolamento social no País são os principais fatores que causaram esta situação.

O boletim apresenta o panorama geral dos casos, óbitos e vacinação na Maré e Manguinhos a partir de dados oficiais do governo municipal e de dados produzidos pelo projeto *Conexão Saúde - De olho na Covid* por meio dos Centros de Testagem, dos atendimentos em telemedicina e do Programa de Isolamento Domiciliar Seguro.

A produção de dados a partir dos territórios é de extrema importância para compreensão da realidade local. Dessa forma, ao abordar o tema do colapso no sistema de saúde no País, focamos na situação da Maré e de Manguinhos e entrevistamos Thiago Wendel, coordenador da Coordenadoria Geral da Atenção Primária (CAP) da Área Programática 3.1, profissional que está acompanhando a linha de frente do atendimento a essa população.

Ele fala sobre a situação dos profissionais de saúde e das clínicas da família da Maré e Manguinhos, aponta os principais desafios a serem enfrentados neste ano em que a pandemia continua presente e explica as estratégias utilizadas para manter o atendimento dos moradores neste momento crítico.

Boa leitura!

ÍNDICE

Sistema de saúde em colapso: falta de leitos, escassez de medicamentos e mortes que poderiam ser evitadas

Maré e Manguinhos: o impacto da sobrecarga do sistema de saúde nas populações de favelas

Cenário atual de distribuição das vacinas contra Covid-19 no município do Rio de Janeiro

Panorama geral da pandemia: Maré e Manguinhos

Entrevista com Thiago Wendel, coordenador da CAP AP 3.1



Edição interativa, clique no índice e navegue pelas páginas

SISTEMA DE SAÚDE EM COLAPSO: FALTA DE LEITOS, ESCASSEZ DE MEDICAMENTOS E MORTES QUE PODERIAM SER EVITADAS

Com a pandemia do novo coronavírus, sistemas de saúde de todo o mundo tiveram que se adaptar rapidamente à nova realidade, atendendo a pacientes com Covid-19 sem deixar de atender outros tipos de doenças mais frequentemente esperadas.

Desta forma, ao se recomendar a prática da quarentena, as autoridades sanitárias mundiais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), visam impedir que a alta contaminação cause uma sobrecarga no sistema de saúde e produza mais mortes, não só pela Covid-19, mas também pela falta de atendimento médico em geral.

No Brasil, no entanto, a ausência de uma política organizada para o combate à Covid-19 nos colocou no epicentro mundial da pandemia e, no mês de março de 2021 atingimos a maior taxa de mortalidade até então. E este aumento do número de casos e de óbitos vem acompanhado do maior colapso sanitário e hospitalar da história brasileira, segundo a Fiocruz.



wikimedia

De acordo com o boletim da Fiocruz publicado em 16 de março de 2021, 24 estados brasileiros e o Distrito Federal estavam com taxas de ocupação de leitos de UTI para Covid-19 para adultos iguais ou superiores a 80% - sendo que 15 estados estavam com taxas superiores a 90%. Isso significa que, do total de 27 unidades federativas do País, apenas 2 não estavam com um quadro crítico. Em relação às capitais, 25 das 27 também estavam com taxas de ocupação superiores a 80%, sendo 19 delas superiores a 90%.

No final do mês de março, a Associação de Hospitais do Estado do Rio de Janeiro (AHERJ) divulgou que a taxa de ocupação das UTIs de hospitais particulares no Rio já estava próxima a 95%. Não muito diferente do Sistema Único de Saúde que apresentou taxa de ocupação de 87,5% no Estado, chegando a 92% na Capital. O aumento do número de contágios, por sua vez, impacta o atendimento em urgências ou emergências, gerando exaustão nos profissionais de saúde que atuam na linha de frente no combate à doença.

MARÉ E MANGUINHOS: O IMPACTO DA SOBRECARGA DO SISTEMA DE SAÚDE NAS POPULAÇÕES DE FAVELAS

Os indicadores de colapso no sistema de saúde tornam-se chocantes ao vislumbrar nomes por detrás dos números e rostos por detrás das estatísticas. Na Maré, as sete unidades de atenção básica que atendem os mais de 140 mil moradores do território apresentam uma realidade nada animadora. Os profissionais de saúde estão sem folga ou férias desde o início da pandemia, trabalhando em situações limite e lidando com estruturas precárias, falta de medicamentos e de equipamentos de proteção individual, demora na entrega de vacinas e quadro de servidores incompleto, gerando ainda mais sobrecarga e estresse àqueles que estão na linha de frente do atendimento à saúde.

Este aumento do número de casos e de óbitos vem acompanhado do maior colapso sanitário e hospitalar da história brasileira, segundo a Fiocruz.



Em um cenário de crise na saúde, com a dificuldade de ampliação das estruturas existentes ou criação de novas - que demandam recursos e mão-de-obra altamente especializada e não disponível de maneira imediata no mercado - é inadmissível que uma UPA, estrutura de referência para a população, situada em uma favela, fique fechada em plena pandemia.

A crise, no entanto, vai além das unidades básicas de saúde: hospitais - públicos e privados - de várias regiões do País divulgaram a escassez e o sobrepreço de medicamentos utilizados para a intubação de pacientes graves, tais como anestésicos injetáveis, relaxantes musculares e sedativos. Há relatos do aumento de mais de 3.000% no preço de sedativos, por exemplo, desde o início da pandemia. A ausência destas drogas nos leva a um contexto ainda mais desumano: muitos pacientes que apresentam a forma grave da Covid-19 são submetidos a intubação acordados, sem anestésicos e, muitas vezes, amarrados ao leito hospitalar.

A contenção mecânica é uma forma de evitar uma reação agressiva do paciente quando este retoma a consciência. É um método pouco recomendado por especialistas em medicina intensiva mas que infelizmente ressurgiu devido à escassez de remédios sedativos, como relatado por profissionais de saúde no último mês. A sedação influencia ainda na recuperação do paciente, pois ajuda o organismo debilitado a economizar energia. Em casos muito graves, a ausência de sedação pode ser fatal.

Este breve relato mostra que chegamos a um contexto extremamente grave do sistema de saúde do País, com o colapso das redes de atendimento. Para fazer frente a este contexto, a Fundação Oswaldo Cruz chama a atenção para a ampliação de medidas não farmacológicas que contenham ou reduzam a transmissão do coronavírus, como o distanciamento social e o uso de máscaras de proteção. Como é sabido desde o início da pandemia, estas medidas são as mais eficientes para o controle do número de casos - e mortes - por Covid-19. ■



Matheus Afonso

Em Manguinhos chegou-se ao extremo de, em plena pandemia, a única Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da região ficar fechada por cerca de três meses por falta de contrato com a organização social que gerencia a unidade.

CENÁRIO ATUAL DE DISTRIBUIÇÃO DAS VACINAS CONTRA COVID-19 NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (ATÉ 19/04)

Na capital
foram aplicadas
1.260.434
primeiras doses da vacina,
representando
18,7%
da população carioca
346.191
pessoas receberam
a segunda dose
TOTALIZANDO
1.606.625

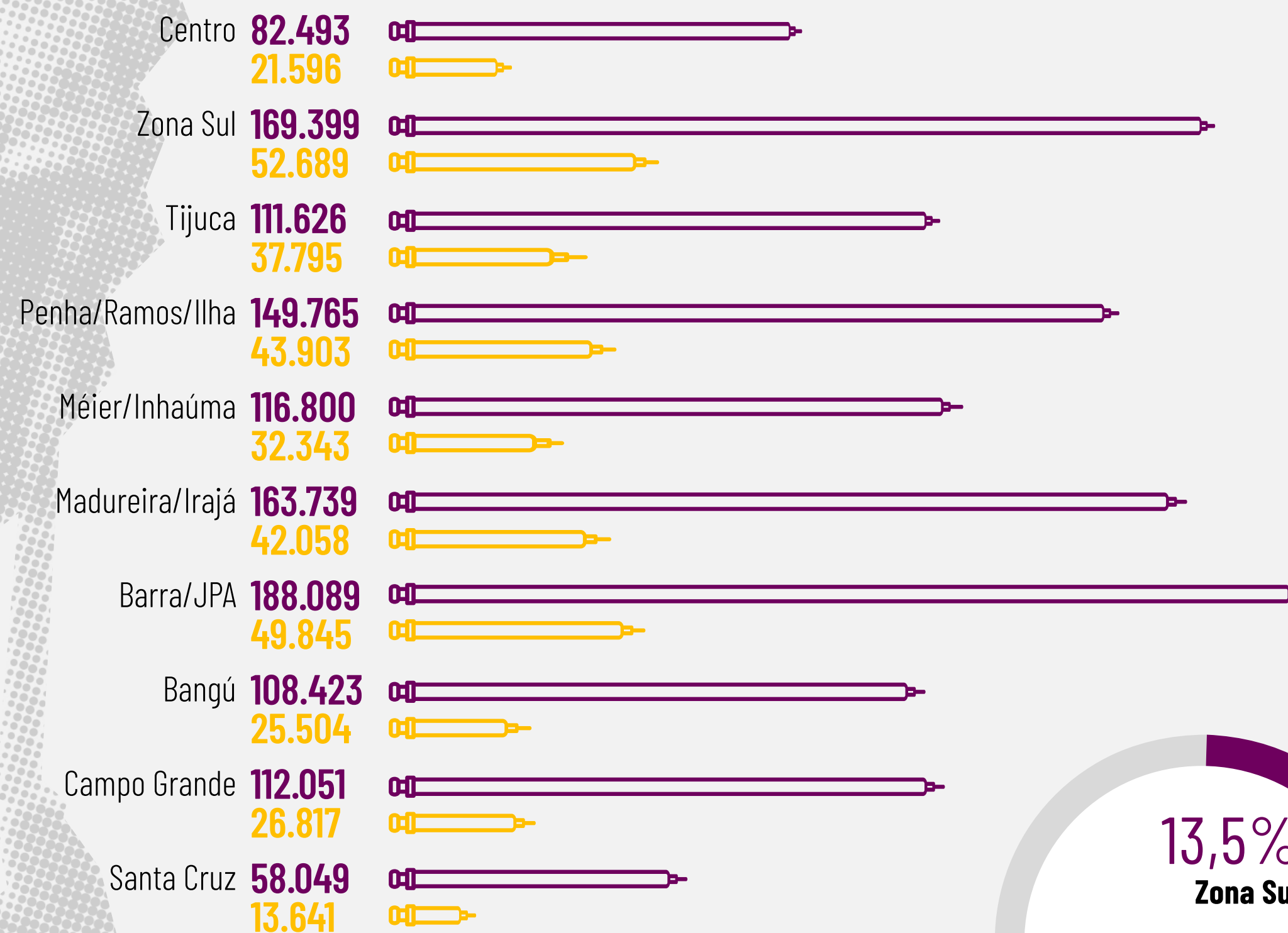
VACINAÇÃO NA MARÉ

**14.458**

doses até 19/4

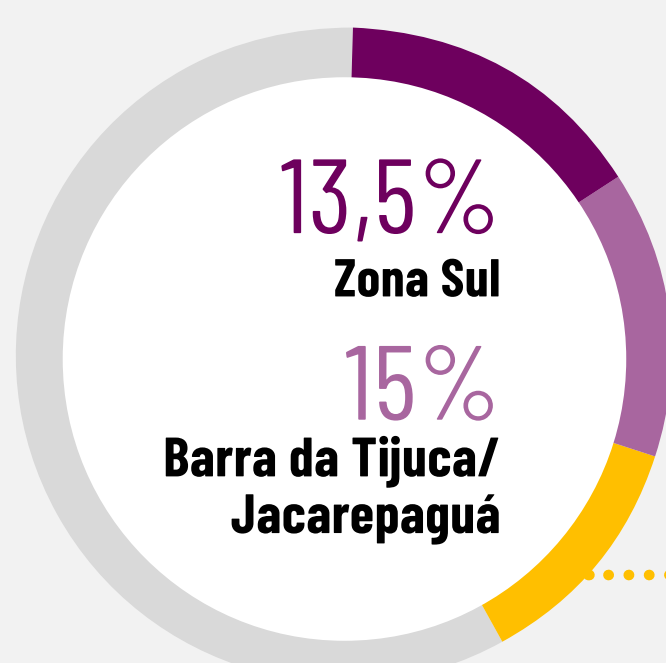
Primeira dose
11.918 pessoasSegunda Dose
2.540 pessoas

VACINAÇÃO POR ÁREA DE PLANEJAMENTO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO



Primeira dose

Segunda Dose



13,5%
Zona Sul
15%
Barra da Tijuca/
Jacarepaguá

12%A área
programática
que corresponde,
entre outros
bairros, a Maré
e Manguinhos.Isso representa
149.765 pessoas
vacinadas com
a primeira dose
e 43.903 com a
segunda doseNO
BRASIL

Até 19/4

26.654.459pessoas receberam até agora
a primeira dose da vacina**112%**Foi o aumento no
número de vacinados
no último mêsNo entanto, o número total de
pessoas que receberam a primeira
dose representa apenas**12,59%**

da população brasileira.

Já em relação à segunda dose,

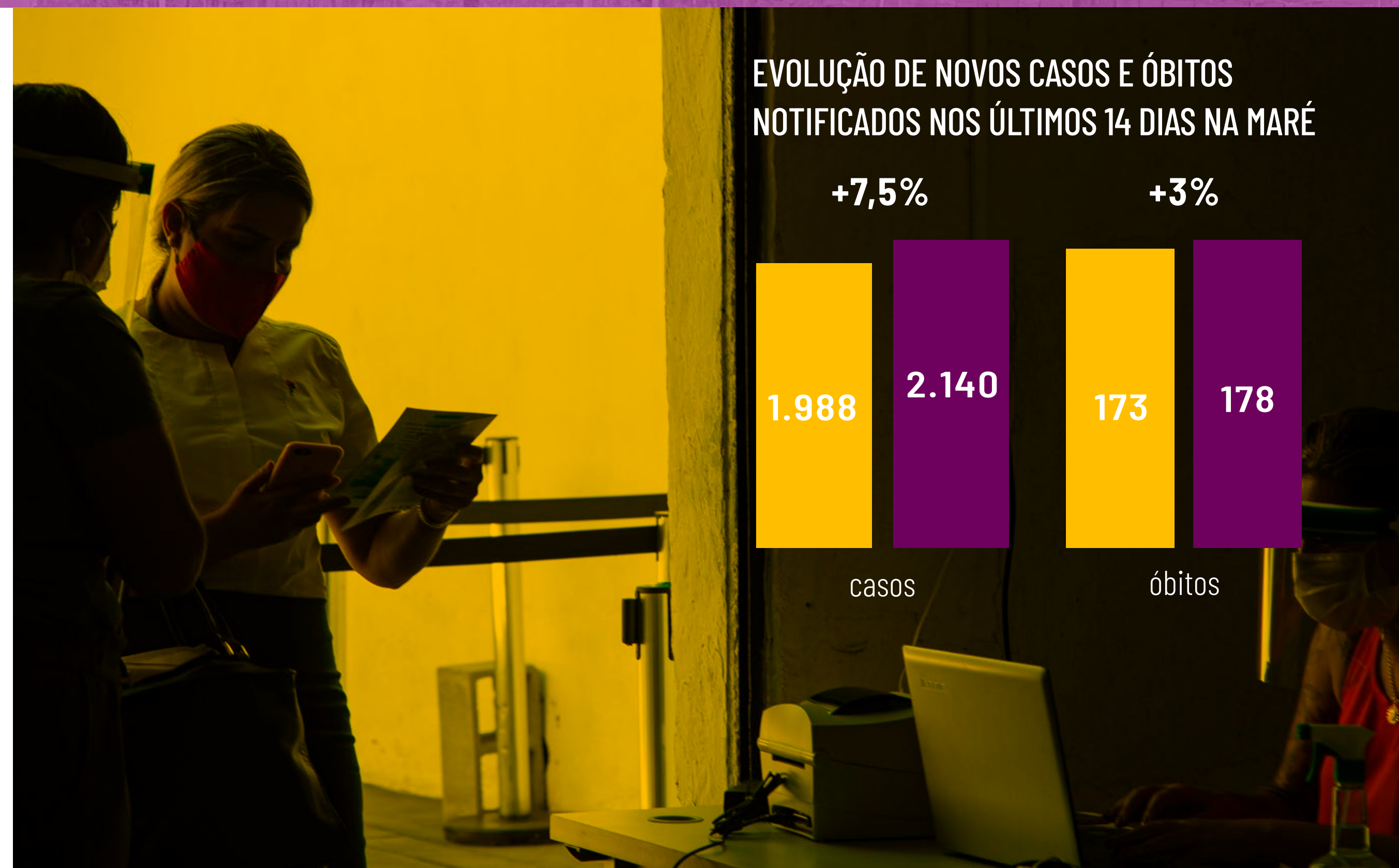
10.131.323pessoas haviam recebido até
a mesma data, o que representa
menos de 5% da população.

PANORAMA GERAL DA PANDEMIA: MARÉ E MANGUINHOS

O mundo contabiliza três milhões de mortes por Covid-19 e o Brasil segue ocupando o segundo lugar neste triste pódio: até o dia 19/04 foram contabilizados 374.682 óbitos - com uma média de três mil mortos nos últimos dias. Na última semana, a Índia passou o Brasil em número de casos e o País ocupa atualmente, neste item, terceiro lugar no ranking mundial com 13.973.695 casos .

O estado do Rio de Janeiro apresenta bandeira vermelha no mapa de risco da Covid-19, o que significa risco alto de contaminação. Segundo o 15º

Boletim Epidemiológico divulgado pela Prefeitura do Rio de Janeiro (16/04), a cidade apresentou uma pequena tendência de queda no número de novos casos. No entanto, a média móvel de óbitos ainda é crescente. Nos últimos 14 dias o número de casos notificados na cidade subiu 6,5% e o de óbitos cresceu 7,5%. Segundo o Painel Rio Covid-19, a capital carioca registrou 245.735 casos e 22.554 óbitos até esta mesma data. Na Maré, nos últimos 14 dias, observamos um crescimento de 7,5% no número de casos, passando de 1.988 para 2.140 desde o início da pandemia. Já os óbitos subiram 3% de 173 para 178.



EM MANGUINHOS:

880 casos e 71 óbitos foram notificados até o dia 19/04

Crescimento de

6% no número de casos e um novo óbito notificado nas últimas duas semanas

O projeto Conexão Saúde - de Olho na Covid tem nos Centros de Testagem a capacidade de produzir dados e contribuir para a vigilância em saúde no território. Desde agosto de 2020 foram coletadas 14.090 amostras para teste de moradores da Maré, sendo 2.248 testes com resultado positivo para PCR ou sorológico, representando 16% do total de amostras coletadas.

Já em Manguinhos o Centro de Testagem, inaugurado em dezembro, contou até 19/04 com 2.677 amostras de testes coletados, sendo 410 com resultado positivo - 15% do total, como mostra a tabela a seguir.

TESTAGEM - MARÉ							
	Amostras para teste			Testes Positivos			
	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		
PCR	11.325	1091	PCR	1.329	107		
SOROLÓGICO	2.773	75	SOROLÓGICO	919	27		
TESTAGEM - MANGUINHOS							
	Amostras para teste			Testes Positivos			
	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		
PCR	2.451	400	PCR	361	58		
SOROLÓGICO	240	14	SOROLÓGICO	51	2		
TELEMEDICINA SAS BRASIL							
MARÉ				MANGUINHOS			
	ATENDIMENTOS MÉDICOS			ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS			
	2.947	1.389		189	44		



Gabriela Lino / Conexão Saúde

“A Clínica da Família precisa ser a referência em saúde no território”

A no passado, quando trabalhava em um laboratório na Fiocruz, o enfermeiro e mestre em Saúde Coletiva e Políticas Públicas pela Uerj Thiago Wendel não imaginava que este ano estaria, em plena pandemia, à frente de uma das maiores áreas programáticas de saúde do município do Rio, a Coordenadoria de Atenção Primária da Área Programática 3.1 (CAP AP 3.1), que abarca Manguinhos e Maré entre outros bairros e favelas.

A área, que atende quase 1 milhão de habitantes – ou cerca de 1/6 da população do Rio, é especialmente cara a Thiago. Oriundo da Vila Cruzeiro, na Penha, ele se diz

diariamente motivado em cuidar da saúde de moradores que, como ele, utilizam o SUS. “Sou usuário da Clínica da Família Felipe Cardoso, que é minha unidade de referência, e é muito gratificante poder fazer a diferença na vida das pessoas da região de onde eu vim”, confessa.

Nesta entrevista exclusiva para o boletim Conexão Saúde – De Olho no Corona, Thiago fala da situação das unidades básicas de saúde da Maré e de Manguinhos em meio à pandemia, das estratégias utilizadas para enfrentar este momento crítico e dos desafios que a CAP tem pela frente. “Quero melhorar os indicadores de saúde desta área”, diz.



Você assumiu a coordenação da CAP no início do ano, em plena pandemia. Em que situação você encontrou os equipamentos de saúde da Maré e o que tem sido feito para enfrentar este momento crítico no território?

Quando assumi, a falta de profissionais era gritante, absurda. Havia unidades da Maré funcionando sem médicos e outras que passavam mais tempo fechadas do que abertas. Isso sem falar das paredes mofadas e sujas, portas caídas, profissionais trabalhando sem uniforme, estruturas há anos sem qualquer reforma.

Tivemos que estabelecer prioridades e correr muito pra garantir um funcionamento mínimo decente e hoje podemos falar que a Maré tem o mesmo serviço de saúde de outros bairros da cidade, sem diferença nenhuma. Sem falar que reabrimos a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Manguinhos, que estava fechada em plena pandemia.

Com o aumento da procura das unidades de saúde para casos de Covid, estamos abrindo nos dias de semana a partir das 7 horas da manhã e aos sábados até as 17 horas, justamente pra evitar filas e aglomerações.

Também organizamos as unidades de saúde em duas frentes: uma de resposta rápida, para atendimento de pessoas com sintomas de síndrome gripal – cujos profissionais, pela possibilidade de contaminação com Covid, precisam usar todos os equipamentos de segurança (máscara especial, óculos, toca etc) – e outra para atendimento a outras doenças, que continuam com demanda alta.

A procura às clínicas da família aumentou muito, sobretudo em março e abril, com pessoas com sintomas de covid, que precisam ser tratadas e orientadas devidamente. Entenda bem: não estou falando de tratamento precoce, mas de tratar os sintomas da doença e dar os encaminhamentos adequados, para ele e pra família, para que o quadro não se agrave.

Este é um desafio grande no momento: a sobrecarga do sistema de saúde em todo o País. Como está a situação na Maré?

Pois é! As mulheres continuam engravidando e precisando de exame pré natal, temos pacientes com doenças que podem piorar rapidamente se não houver acompanhamento e controle, como diabetes e tuberculose... A unidade não pode parar e um dos erros que acho que cometemos – até por desconhecimento da doença e da pandemia – foi parar tudo pra tratar os pacientes com Covid. Isso fez com que aumentassem as mortes evitáveis por doenças crônicas, por exemplo. É um dos nossos objetivos diminuir estes óbitos.

A procura às clínicas da família aumentou muito, sobretudo em março e abril, com pessoas com sintomas de covid, que precisam ser tratadas e orientadas devidamente



Neste momento, que problema você elenca como mais crítico no sistema de saúde da área que você coordena?

Quando assumimos, havia uma falta muito grande de profissionais de saúde e, como estamos em plena pandemia, não existem profissionais disponíveis. Estão todos precisando deles: rede pública e particular, hospitais, clínicas – e não foi diferente na rede de saúde da Prefeitura. Mas conseguimos fazer com que todas as unidades tenham profissionais: médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, farmacêuticos. Nada mais do que o essencial, mas por incrível que pareça a rede estava funcionando sem este básico.

E como estão os profissionais de saúde neste momento?

Não é fácil. Estamos com atendimento estendido, abrindo mais cedo, fechando mais tarde, atendendo muitas pessoas, é desafiador, os profissionais estão cansados, deixando a sua família em casa para cuidar de outras famílias, sem folga ou férias, trabalhando em meio à pandemia, em uma situação limite... Tenho certeza de que estas pessoas não estão trabalhando só pelo salário no final do mês, eles têm uma missão e se dedicam a isso.

Precisamos encontrar estas pessoas, identifica-las e esclarece-las, tranquiliza-las sobre a vacina. Isso vai ajudar a acelerar este processo e a diminuir a gravidade da pandemia nestes territórios.

Em relação à vacinação, como está a situação na Maré?

Temos uma frente específica para isso e já vacinamos nossos profissionais, que estão mais expostos, e estamos focados na vacinação dos idosos – inclusive os que estão nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) – o que já diminuiu os riscos de internações e de óbitos em 80% até 90%.

Nosso próximo passo é detectar os idosos que não vacinaram e fazer uma busca ativa para imunizá-los. Contamos com a vacina enviada pelo Ministério da Saúde, que chega de forma gradativa, então as prioridades precisam ser respeitadas.

Entendemos que o aumento da cobertura vacinal é fundamental para combater o avanço da doença no território, mas ainda temos o desafio da desinformação. Muitas pessoas acham que a vacina da Astra Zeneca tem reação forte, por exemplo, e não querem ser vacinadas com ela. Outros não confiam na Coronavac, porque é fabricada na China. Outros acham que não precisam vacinar...

Precisamos encontrar estas pessoas, identificá-las e esclarece-las, tranquilizá-las sobre a vacina. Isso vai ajudar a acelerar este processo e a diminuir a gravidade da pandemia nestes territórios. ■





EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Fernando Bozza - Dados do Bem
Pamela Lang - Fiocruz
Luna Arouca - Redes da Maré
Camila Barros - Redes da Maré
Sabine Zink - SAS Brasil
Ana Silva - Conexão Saúde Manguinhos
Eduardo Pádua - União Rio

Edição

Luciana Bento

Pesquisa e produção de conteúdo

Camila Barros e Luciana Chernicharo

Revisão

Camila Barros, Luna Arouca e Luciana Bento

Projeto gráfico e diagramação

Pictomonster

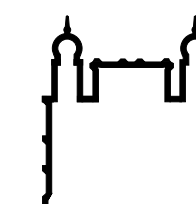
Conteúdos para redes sociais

Jessica Pires e Luciana Bento

Artes para redes sociais

Robert Silva

REALIZAÇÃO:



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



redesdamare.org.br/conexaosaude